

O útil, o fim, e o Antropoceno: Ensaio Crítico sobre os manifestos de Ailton Krenak



105

Krenak, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras.

ISBN: 9788535932416, 64 pp., 24,90R\$

Krenak, Ailton. 2020. *A vida não é útil*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras.

ISBN: 9788535933697, 128 pp., 29,90R\$

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-7982_38_7

Proponho uma análise crítica de dois livros importantes do filósofo e ativista indígena e ambientalista brasileiro Ailton Krenak, intitulados *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *A vida não é útil* (2020). Estes livros são organizações de pequenos ensaios da sua autoria que nos transportam para um debate crítico sobre a ideia de sustentabilidade, antropoceno, sistema capitalista e ambientalismo, em tempos pré e pós-pandêmicos.

Os efeitos das alterações climáticas no nosso planeta têm vindo a agravar-se progressivamente, tornando impreterível e fundamental o debate e estudo de como nos estamos a relacionar com a natureza e qual é a contribuição da antropologia e das ciências humanas neste cenário de urgência ambiental e climáti-

ca. Para refletir sobre essa realidade, proponho nesta recensão uma discussão do conceito de Antropoceno, neste contexto de pandemia, à luz do pensador Ailton Krenak.

Ailton Krenak é um Indígena Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que atua na causa ambientalista e dos povos da floresta no Brasil, e nos dois livros aqui em análise propõe diversas reflexões que são essenciais para a antropologia e um fazer científico crítico. Ele mostra de maneira enfática e reflexiva que há uma necessidade crescente em mudar de maneira radical a postura da sociedade atual em relação à natureza e ao meio ambiente.

Krenak é conhecido pela sua escrita contínua, fluída e acessível, e, estes dois

livros são um exemplo particularmente eloquente disso mesmo. Os textos de Krenak fogem da rigidez académica por mais profunda que sejam as suas reflexões. Ele escreve de maneira didática para manter a acessibilidade de uma exposição que se dirige a um público mais geral, o que ajuda a explicar o sucesso editorial destes dois livros que já foram traduzidos para várias línguas. Estes livros são particularmente importantes porque oferecem uma boa introdução ao pensamento crítico de Krenak no que diz respeito à crítica do sistema capitalista contemporâneo e à sua relação insustentável da sociedade com a natureza.

Krenak procura nos seus textos apresentar a sua cosmovisão em contraponto às cosmovisões do sistema capitalista contemporâneo e suas tecnologias, metrópoles, cadeias de mercadorias, e formas de conhecimento e exploração do meio ambiente. Ele utiliza uma linguagem irónica para revelar as contradições de um sistema capitalista que é marcado pela exploração dos trabalhadores e pela extração de recursos naturais, mas que cria a ilusão de que todos teremos acesso à riqueza produzida e que o planeta é uma fonte de recursos infinitos.

Ideias para adiar o fim do mundo é composto por três ensaios: o homónimo *ideias para adiar o fim do mundo, do sonho e da terra* e a *humanidade que pensamos ser*. Nestes textos, ele traça um pensamento decolonial em que questiona a ideia de sustentabilidade presente no sistema económico ocidental.

No primeiro ensaio, que corresponde a uma palestra proferida na Universidade de Lisboa, em 2017, Krenak aponta um debate importante, de como as principais metrópoles mundiais se apresentam de maneira igual, e de aspecto futurístico. Nas suas palavras, “Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros.” (Krenak, 2019: 11), enunciando a ideia de não lugares, um conceito desenvolvido pelo antropólogo francês Marc Augé, em que define o não lugar, um espaço que não é nem relacional, nem histórico e nem identitário (Augé, 1994: 73).

Krenak faz uma análise dos centros urbanos como espaços da modernidade e como há uma lógica homogeneizadora nesses lugares. O autor descreve de que maneira essa civilização moderna hegemónica expande a sua área de influência de forma invasiva para toda e qualquer civilização na periferia. Este processo predatório está assente na premissa de que existe uma sociedade evoluída e avançada – a civilização moderna – e outras sociedades que são associadas a um estado inferior e precisam de ser conquistadas, uma ideia de sub-humanidade, que ainda prevalece até hoje.

Krenak utiliza o termo “sub-humanidade” para se referir aos grupos ou núcleos que estão à margem da sociedade hegemónica moderna, ou para utilizar as suas palavras, que estão “à borda do planeta” e que resistem pelo facto de terem uma organicidade coletiva e não

individualista, onde a sua existência não é orientada pelo consumismo. Fazendo uso de um comentário do ex-presidente uruguaio José Mujica, que afirma que na nossa sociedade somos educados para sermos clientes e consumidores, Krenak levanta a seguinte questão: para quê, então, ser cidadão? O autor questiona essa suposta cidadania de consumo, que nos afasta da natureza e nos reduz a meros consumidores. Krenak dialoga aqui com o escritor, xamã, e líder político Yanomami David Kopenawa que tem alertado para os perigos de uma sociedade capitalista que quer que acreditemos que tudo é mercadoria e que tenta reduzir todas as pessoas e coisas ao estatuto de mercadorias.

O autor critica ainda a relação que o Estado brasileiro tem com as sociedades indígenas, e como houve uma falha – mesmo após a constituição de 1988 que garante o direito a terras e à liberdade étnica – do mesmo em garantir a integração e a proteção desses povos. Ele conclui com o argumento de que há uma necessidade de se valorizar o conhecimento tradicional, não apenas como uma chave de análise antropológica, mas como uma forma alternativa de se pensar a relação entre comunidades humanas e o meio ambiente, pensando nele não como um objeto e uma mera fonte de recursos para o crescimento económico, mas como um sujeito com o qual se comunica e se dialoga diariamente e se tem de aprender a viver lado a lado.

Em *A vida não é útil* Krenak torna-se mais enfático em algumas questões, e amplia a descrição da sua cosmovisão da relação entre sociedade e natureza, o que ajuda a tornar mais claro o contraste que ele desenvolve entre o pensamento de povos tradicionais e a percepção predominante da sociedade capitalista contemporânea.

Este segundo livro foi publicado em 2020, já em pleno contexto de pandemia COVID-19, e assume de maneira mais contundente a percepção crítica dos povos indígenas sobre o modo de produção desenfreado do sistema capitalista. “Somos a praga do planeta” afirma Krenak ao falar sobre a humanidade, ou melhor, sobre o sistema capitalista e os seus efeitos ecológicos cada vez mais destrutivos. Krenak entra aqui em diálogo com debates recentes em redor do “Antropoceno,” ou a presente “era dos humanos,” na qual o impacto das atividades humanas é tão significativo que está a criar incertezas ambientais crescentes que colocam em risco a própria continuidade da vida humana no planeta.

Ele traz em seu livro um debate sensível, de como a atual situação pandémica nos forçou a confrontar as nossas fragilidades, e como é insustentável esse modo de produção. Como uma grande ironia da natureza, o vírus que só mata humanos, como pontua Krenak, esse vírus é uma consequência do modo de produção que está a destruir o planeta, e há uma certa urgência em se repensar esse modo de produção.

Há dois conceitos importantes que Krenak aborda neste seu segundo livro que ajudam a compreender o seu pensamento e sua relação com o Antropoceno. Os conceitos de Necrocapitalismo e Necropolítica, o primeiro desenvolvido por Suely Rolnik (2018) e o segundo por Achille Mbembe (2018). É relevante mencionar estes dois conceitos, pois estão presentes de maneira diluída em toda a sua escrita, neste livro em particular, no qual há toda uma discussão sobre vida e morte e a sua relação com o estado e a tecnologia, e se procura problematizar a relação que a sociedade moderna criou com a morte.

Krenak expõe em toda a sua escrita a necessidade de uma experiência sensível anti-sistêmica, trazendo a reflexão e a desconstrução da naturalização do capitalismo e mostrando como o capitalismo cria um cenário ilusório de uma sociedade equilibrada que está na verdade a destruir-se a si mesma e a consumir todo o ecossistema. Isto é o que Rolnik chama de Necrocapitalismo, pois o sistema capitalista se transformou num sistema de predação intensa com capacidades autodestrutivas.

A noção de Necropolítica de Mbembe também está presente na análise de Krenak do sistema capitalista, mas o conceito não é citado diretamente. A noção de Necropolítica sugere que o estado capitalista é um estado que escolhe quem vive e quem morre, e a morte é direcionada aos humanos de “cor”, ou seja tudo o que não é

semelhante a um homem, branco, cristão e europeu, é uma vida descartável.

Para compreender de que maneira a percepção de Krenak contribui para um avanço das ciências humanas, temos de ler nas entrelinhas dos seus escritos. Apesar da fácil compreensão e leitura das suas ideias, um entendimento mais aprofundado requer alguma bagagem acadêmica, bem como uma sensibilidade político-cultural e cosmológica. Krenak como um indígena ativista, tem sua percepção social, voltada para a melhoria das condições de vida dos povos tradicionais.

Vislumbro nos seus escritos um tema central: o de quebrar a percepção mercadológica que o sistema capitalista deu às sociedades contemporâneas, em que o sentido da existência dos indivíduos é meramente o de consumir. É necessário compreender as dimensões políticas desta proposta. Krenak está a dizer que é preciso ouvir os povos que estão “à borda do planeta”. Estas sociedades, que se mantêm ligadas às suas terras e tradições de coletividade e que recusam ceder a um individualismo e consumismo alienantes, é que entenderam qual o caminho a seguir para se conseguir adiar o fim do mundo.

Referências bibliográficas

- Augé, M. 1994. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus.
- Mbembe, A. 2018. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. (R. Santini, Trad.). São Paulo, N-1 Edições.

Rolnik, S. 2018. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo, N-1 Edições.

Raoni Arraes

CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde
Departamento de Ciências da Vida
Universidade de Coimbra
raoniarraes@gmail.com

(Página deixada propositadamente em branco)